

GERALDO MARKAN: UM RETRATO IMPRECISO

GILMAR DE CARVALHO*

Quem foi mesmo Geraldo Markan? Gegê (como era tratado pelos amigos) resmungaria se alguém ousasse pedir que ele se definisse. Como antropólogo, sabia das complexidades que a pergunta mascara. Sentia-se homem. Tentava integrar natureza e cultura, em um texto que teceu durante os setenta anos da passagem dele pela terra.

Geraldo Markan tornou-se uma referência da cultura cearense nas últimas décadas do século XX. Deu forte e marcante contribuição ao ensino de Antropologia na UFC. Circulava com desenvoltura pelos meios literário, teatral e das artes plásticas.

Ele nasceu dia 5 de janeiro de 1929, em um casarão da Avenida do Imperador, em Fortaleza, o qual, surpreendentemente, ainda está de pé e sedia um setor de estudos do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Capricorniano típico, cabrito montês, gato maracajá, posicionava-se como um ser enigmático e sonso, solidário e leal.

O pai era Ferreira Gomes, família do Vale do Acaraú que se desdobrou, como tantas outras, e deu os Philomeno Gomes, por exemplo. Markan, nome próprio do pai Joaquim, virou linhagem que se multiplicou e hoje ocupa espaço nos negócios, nas artes, na gastronomia e na crônica dos laços de parentesco. A mãe, dona Noemi, era Napoleão / Freire do Prado, este último sobrenome recuperado pelo irmão, Fernando. O casal teve ainda Mirian, Yêdda e Francisco (Chico). Geraldo era o mais novo.

O curso primário foi feito no Ginásio São João, na Aldeota. O pai, fabricante de cigarros, faliu e se mudou com a família para o Rio de Janeiro, passando a viver em um apartamento, na Praia de Botafogo, esquina com a Rua Marquês de Olinda.

O menino cresceu na antiga capital federal e estudou com os jesuítas no Colégio Santo Inácio. Voltou a Fortaleza e concluiu o ensino médio no Colégio São José. Foi o primeiro colocado no vestibular para a Faculdade de Direito do Ceará, em 1950. Transferiu-se

para o Rio, em 1952, e bacharelou-se em Direito, pela então Universidade do Brasil, em 1955.

Envolveu-se, desde cedo, com expressivos artistas e intelectuais da cena carioca, como Lúcio Cardoso (*A Crônica da Casa Assassinada*), o poeta catarinense Marcos Konder, o pintor Ernesto Lacerda, o fotógrafo Alair Gomes e o teatrólogo Paschoal Carlos Magno (do Teatro do Estudante), dentre outros.

A iniciação teatral de Gegê se deu no Rio de Janeiro, em 1947, onde, dirigido por Jacy Campos, participou das peças *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, encenada no Teatro João Caetano, e *O Coelhinho da Sorte*, de autoria do mesmo diretor. Nesse mesmo ano teve sua primeira peça, *Débora e o Capataz*, de um ato, encenada no Teatro Duse, durante o *Festival do Autor Novo*, evento coordenado por Paschoal Carlos Magno.

Em agosto de 1956, graças a uma bolsa obtida por intermédio do IBEU-RJ e da CAPES, viajou para os Estados Unidos da América. Entre 1956 e 1957, foi aluno do Departamento de Sociologia e Antropologia da Michigan State University, pela qual recebeu o grau de *Master of Arts*, em Antropologia. A dissertação defendida tratava da socialização das crianças japonesas. Nada de exotismos. Na linha da Antropologia de Ruth Benedict (*O Crisântemo e a Espada*), dava conta da curiosidade do mundo pelo Extremo Oriente, depois da Segunda Grande Guerra, da bomba atômica e do conflito na Coréia.

Entre 1957 e 1959, terminou os créditos do doutorado pela Columbia University, de New York. Como a bolsa não era prorrogável, contou com ajuda da família para se manter no exterior; nesse ínterim, trabalhou na biblioteca da Universidade, numa livraria, em um escritório de pesquisa de mercado e como redator e locutor do programa *Correio de New York*, da World Broadcasting Corporation.

Regressou ao Brasil, em 1959, se envolveu com tantas coisas, a tese ficou em segundo plano e não foi

* Professor da Universidade Federal do Ceará

defendida. Em 1960, fez pesquisas para a embaixada norte-americana no Brasil e foi estagiário, depois Naturalista Auxiliar da Divisão de Etologia, do prestigiado Museu Nacional. Participou de pesquisa do antropólogo Carl Withers, em Arraial do Cabo, município de Cabo Frio (Estado do Rio), tendo seus estudos se voltado para o campo da Antropologia Cultural.

Participou como produtor (com Joaquim Pedro e Sérgio Montagna) do documentário antropológico *Arraial do Cabo*, dirigido por Paulo Cesar Saraceni. O filme (1959 / 1960) aborda o conflito entre pescadores e operários, a partir da inauguração da usina de álcalis na região, e se tornou uma referência do Cinema Novo brasileiro.

No final do Governo Juscelino Kubitschek (1959), veio a instalação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Parecia ser a solução da Questão Nordeste, acentuada pela seca de 1958.

Geraldo Markan chegou ao Recife, em abril de 1961, para trabalhar na nova agência, nascida sob a égide do planejamento científico, espantando clientelismos e o privilégio das elites. Lá, entre mangues e mangabas, apaixonou-se pela cidade que estaria presente em boa parte de sua produção artística.

Encontrou um clima difícil, de acirramento dos ânimos: de um lado, as idéias nacionalistas do líder à esquerda Miguel Arraes; do outro, a conspiração que deu lugar ao regime autoritário que duraria vinte e um anos.

Geraldo amava a cidade, a boêmia (Bar Savoy), o Recife Velho e ecoou a passagem do argentino Túlio Carella que chafurdou a cidade o clássico *Orgia*. Fez amigos dentre os artistas (José Barbosa, Tiago Amorim, Abelardo da Hora, Maria Carmem, Esman Dias). Reinaldo Fonseca assinou um *portrait* memorável dele, com a luz poética da pintura flamenga.

Nesse clima de euforia criativa (MCP / UNE), teatro popular, folguedos, Markan encontrou tema para sua *Noite Seca*, texto que ele amava e cuja estréia foi adiada para 1981, quando, censurado, não chegou aos palcos, apesar da Anistia (1979), dos novos partidos políticos e da morte anunciada da ditadura militar.

Na SUDENE, Geraldo pôde aplicar *in loco*

noções de desenvolvimento, atuando como Chefe do Setor de Pesquisa do Projeto de Povoamento do Maranhão, ali permanecendo de outubro de 1962 a fevereiro de 1963. Posteriormente, no mesmo órgão, assumiu a Chefia da Divisão de Documentação. Viviasse, até o golpe de 1964, sob a chancela da liberdade criativa de Celso Furtado.

Geraldo sempre escreveu, de maneira esparsa, textos carregados de poeticidade. Já nos anos de 1950, publicou na página literária do jornal cearense *Unitário*, contos ilustrados pelos desenhos de Zenon Barreto.

Em Fortaleza, participou da montagem dos espetáculos do Teatro Universitário, com direção de Waldemar Garcia. *Villa Rica*, de R. Magalhães Júnior, estreou dia 17 de fevereiro de 1949; *Iaiá Boneca*, de Ernâni Fornari, a 20 de agosto desse mesmo ano e *O Demônio e a Rosa*, de Eduardo Campos, a 25 de maio de 1950.

A 22 de outubro de 1950, integrou e dirigiu o elenco da Pro-Arte, companhia fundada por Gerardo Parente, a qual encenou, de acordo com Marcelo Costa (História do Teatro Cearense, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1972), a primeira peça infantil feita por elenco cearense, em um palco do Estado: *Simbita e o Dragão*, de Lúcia Benedetti, onde contracenava com Lúcia Perales.

Gegê referia-se com muito carinho à adaptação por ele feita de *Cinderela*, com direção de Maristher Gentil, em um evento beneficente chamado *Festa da Primavera*.

Em 1966, requisitado pelo Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará deixou o Recife e se transferiu para Fortaleza.

Em novembro daquele mesmo ano, decidiu permanecer na UFC e obteve contrato, em regime de CLT, no nível de Professor Assistente. Suas aulas de Antropologia evidenciavam a visão de mundo dele. Misturava os teóricos com anotações de campo pessoais, fazia uma leitura generosa e plural do presente e antecipava um projeto de futuro igualitário e fraterno.

Morou à Praça Cristo Redentor, perto da Casa de Raimundo Cela. Tinha um jipe que o tornava um intrépido desbravador da cidade, vendido depois de

um acidente sem maiores conseqüências.

Aproximou-se da geração de artistas que marcou a cena cearense desse período. Esse contato foi decisivo para a estréia do sobrinho Rodolpho Markan, desenhista, que registrou nosso casario, deu forma aos Orixás do Ceará (releitura do olimpo afro-brasileiro, a partir da pesquisa feita por Gegê nos terreiros) e partiu para a encenação pictórica de Canoa Quebrada.

Na bagagem, trazia os originais de sua peça de estréia, que se perderam; *Débora e as Tardes Africanas*, inédita nos palcos até hoje, e de *A Noite Seca*, premiada, em 1981, pelo Governo do Estado, com encenação vetada, no ocaso do período autoritário.

Em 1979, estreou em livro com *O mundo refletido nas armas brilhantes do guerreiro*. Pode-se dizer que esse passo decisivo se deveu ao envolvimento com o Grupo Siriará, a quem o autor agradeceu *pelo convívio estimulante*.

Esse grupo teve uma participação curta, mas efetiva, na cena literária cearense na passagem da ditadura militar para a democracia. Rogaciano Leite Filho e Carlos Emílio Correia Lima foram seus interlocutores mais freqüentes nesse período que antecedeu sua ruptura com o ineditismo.

Escrever o angustiava. O prazer vinha das inúmeras revisões que o texto sofria. Pena que não tenhamos guardado as várias anotações para que fosse feita uma gênese de sua criação. Buscava a palavra certa e perseguia uma musicalidade, como se o texto fosse para ser lido em voz alta. Tentou, mas não chegou a se adaptar, o computador. Adiava sua iniciação aos tempos da informática enquanto pilotava sua inseparável Olivetti.

A publicação do livro de estréia envolveu um mutirão dos amigos que gravitavam em torno da Scala Publicidade, como Maurício Silva que assinou a capa, Silas de Paula, autor das fotos, e Dodora Guimarães, responsável pela aproximação dele com a agência.

Pouco antes (março de 1978), foi menção honrosa do Concurso Unibanco de Literatura, cuja coletânea foi publicada pela Edibolso. Alguns anos depois (2000), teve um de seus contos premiado para integrar a antologia de literatura homoerótica *O Triunfo dos Pêlos*, da editora Summus, de São Paulo.

Geraldo reforçou os vínculos com o Ceará sem deixar de se abrir para o mundo, do Tibete a Canoa

Quebrada, passando pelo Egito de Cleópatra: ele buscava superar limites e extrapolar fronteiras. Ninguém mais do que ele trabalhou na expectativa de uma idade de aquário que nos levaria a uma dimensão plena da espiritualidade.

Poucos foram tão ecumênicos quanto ele: ia à missa e comungava, era devoto de São Francisco, aplicava o *johrei* (transmissão de energia da Igreja Messiânica), almoçava a cozinha macrobiótica de dona Inezinha (Praça do Carmo), com escapadas pela mesa vegetariana dos Hare-Krisnas, rezava as orações da *Seicho-no-iê*, freqüentava comunidades budistas (deu o apelido de Biruma ao amigo teatrólogo Zaza Sampaio) e estudou a umbanda como algo que atiçava sua curiosidade e lhe dava prazer. Devemos a ele a descoberta de Mãe Neide Alencar (1940/2005) e seu terreiro no Pan-Americano.

Longe de significar uma adesão a modismos ou denotar uma confusão, as opções de Geraldo, nunca excludentes, davam conta de uma superação de limites rígidos e um respeito pela diversidade e pela pluralidade. Nada disso ou aquilo. Isso não implicava a negação daquilo. Para que maior lição de Antropologia e de humanismo?

Sempre esteve menos preocupado com o brilho passageiro de uma carreira acadêmica, com láureas, troféus, medalhas e participação em associações literárias ou culturais anacrônicas. Voltou-se muito mais para a busca, insistente, de um deus cósmico, generoso, pai e mãe de pano e não de arame, como gostava de dizer.

Buscava o relax na meditação, nos mantras, na ioga, nas unções com óleos e cânfora e nos incensos de almíscar, os quais, ao lado da comida natural, limpavam o baixo astral por ele execrado. Isso não o impedia de tomar seu café, morno ou frio, no boteco mais simples, acompanhando um pedaço de casca de bolo fofo, antes de fumar um cigarro (tinha sempre vários maços de marcas diferentes no bolso da camisa).

Sua segunda casa foi na Rua General Sampaio, pertinho da Faculdade de Direito. Casa comprida, em terreno estreito, com móveis antigos, santos e quadros. Uma casa diferente, talvez trazendo e digerindo o barroco de Pernambuco ou nos fazendo superar as barreiras entre o urbano e o rural, a alta e a baixa

cultura, propondo, didaticamente, a reciclagem, a antropofagia e a harmonia encontrada no contraste das escolhas pessoais.

A casa de Gegê afastava-se da idéia que se tinha da decoração que não refletia o dono, seu gosto e seu mundo.

Foi uma figura ímpar. Quem o conheceu não esquece a elegância do lorde, bigodes amplos e brancos, um despojamento zen que não abria mão da sofisticação (adorava champanha com ostras), quando ouvia Mozart, revia a malvada Betty Davis ou a desamparada Marilyn Monroe e declamava Lorca.

Ele nos deixou uma admirável noção da beleza da alteridade, da tolerância, da compreensão do outro, com suas virtudes, seus defeitos e seus limites. O que é significativo nestes tempos de perda de paradigmas éticos, de competitividade (que ele detestava), de personalismos excessivos e da renovação do espetáculo da vulgaridade.

Sua religião era amar os homens e buscar Deus no meio das pequenas coisas do cotidiano. Deus era a forma poética que ele tinha de compreender e decifrar o mistério.

O teatro era tudo para ele, que também escreveu *Cesarion*, espetáculo inaugural das atividades do Grupo Balaio, em 1976, e *Salve a Zebra Tupiniquim*, publicada em 1984, onde pôde soltar, mais uma vez, o humor refinado.

Deixou quatro monólogos, publicados pela Secult, em 1984, os quais ainda não ganharam montagens à altura da provocação feita por ele. *O segredo da onça pintada* foi premiado para crianças, e o último texto foi *A Peça*, sobre a escravidão, ambientado em Acarape (depois Redenção), a primeira cidade cearense a libertar os escravos.

Sua terceira casa em Fortaleza foi o apartamento do edifício Água Marinha, à Rua Tibúrcio Cavalcante, perto da AABB. Mas as casas foram provisórias. Ele era sua própria casa. Ou sua casa era a rua, parodiando a famosa dicotomia proposta por Roberto Damatta.

Foi quando voltou a dirigir: primeiro um Escort prata, depois uma Pampa verde e, por último, um Gol branco. Estava onde as coisas acontecessem: nas salas dos cinemas, nos teatros, nas galerias de arte, nas livrarias. Não gostava de clubes, ao contrário dos pais

que fundaram o Ideal e faziam da casa uma extensão dos salões elegantes.

Manteve, durante a vida inteira, o sonho da vida no campo. Chegou a ter um sítio em Aquiraz, na localidade Jacundá e, tempos depois, adquiriu outro na Monguba, município de Pacatuba. Não se saiu bem como agricultor na luta pelos produtos orgânicos.

Essa preocupação com a ecologia, mais forte desde a constituição da SOCEMA (Sociedade Cearense de Cultura e Meio Ambiente), em 1976, fez com que se filiasse ao Partido Verde e fosse candidato a vice-prefeito de Fortaleza, em 1996 (a cabeça de chapa era de João Saraiva).

Travou uma luta renhida com a Psicanálise. Começou a se sentar no sofá no Rio de Janeiro. Em Fortaleza, freqüentou, por poucos meses, as sessões do Dr. José Maria do Nascimento Pereira. Chegou a ser cliente do Dr. Aníbal Nascimento. Implicava com a necessidade que as terapias tinham de vasculhar o passado. Achava uma perda de tempo falar de pai e mãe, quando tinha mil problemas mais prementes. Tentou análise freudiana e desistiu de vez, mas não abria mão do famoso remedinho para dormir melhor.

Ele levou a Antropologia para um diálogo com os códigos da arte, esta sim, uma forma de expressão que atinge a todos, porque fala a linguagem dos sentidos e emociona, antes de levar a reflexões que serão incorporadas como vivências.

Na literatura e no teatro, Geraldo Markan recorreu à ironia sutil como no *Diário do Dr. Cerveja Quente*, onde seu *alter-ego* resmungão, xingava o desconforto de ser antropólogo e a impossibilidade de trabalhar em paz, ou nas *Notas de Campo da Antropóloga*, cuja pesquisadora toma banho de cuia em Canoa Quebrada e é objeto do voyeurismo dos meninos da comunidade, um comentário crítico e bem-humorado sobre o ofício de estudar a cultura e a civilização, às quais ele se referia cantarolando composição musical de Gilberto Gil que terminava por dizer que elas se danassem (ou não).

Boêmio, não discriminava os botequins, na busca incessante pelo demasiadamente humano. Cumpriu temporada em clínica natural em São Roque (SP). Buscava o equilíbrio entre a razão e a emoção, vistas não como antagônicas, mas complementares.

Geraldo literalmente subiu uma duna em Canoa Quebrada (em 2000) e de lá deve ter tido a visão do esplendor. Quem o visse talvez pressentisse que ele se transformava em pura luz. Essa epifania, só dele, não será compartilhada por ninguém.

Em Marte, de onde deve estar nos espiando, esse antropólogo sempre atrasado, como o coelho de *Alice no País das Maravilhas*, zen e intenso, rescendendo a lavanda e amando o mar, merece ser homenageado pelo que foi e nos deixou.

Nos quarenta anos do Curso de Ciências Sociais da UFC, Markan pode ser lembrado como alguém que viveu intensamente a Antropologia do corpo, das religiões, da alimentação e das artes, e propôs, a seu modo, a quebra de paradigmas.

Quando se pensa na contribuição cearense à Antropologia (Pompeu Sobrinho, Raposo Fontenele, João Pompeu, Luiz de Gonzaga Mendes Chaves, Ismael Pordeus Jr., Simone Simões, Sulamita Vieira, dentre outros), Gegê dá um passo além ao buscar um caminho próprio e muito pessoal, sem as famosas muletas teóricas, mas com a certeza de que as especificidades do pensar antropológico passam por uma reflexão que leve em conta tempo e espaço da enunciação.

Tributário do antigo Instituto de Antropologia, Geraldo foi mestre da geração que ele ajudou a formar e de todos os que virão a partir da negação do meramente letrado, mas da importância devida ao oral (era apaixonado pelas *Mil e Uma Noites* árabes) e à vida como síntese do que se é, se pensa e se faz.

Esse é o esboço possível de um Geraldo Markan Ferreira Gomes.